Alfredo de Moraes Pinto

(Pan-Tarantula)

Cantada em Lisboa pela actriz Lucinda do Carmo e no Porto pela actriz Emilia Eduarda. — Musica para piano e canto do maestro Rio de Carvalho.

Illustrações de Raphael Bordallo Pinheiro e M. Gustavo Bordallo Pinheiro.

MEIOS DE TRANSPORTE

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/meiosdetransport00mora

ALFREDO DE MORAES PINTO
(Pan-Tarantula)

MEIOS DE TRANSPORTE

CANÇONETA ORIGINAL

COM MUSICA PARA PIANO E CANTO,

DO MAESTRO RIO DE CARVALHO

Executada em Lisboa pela actriz Lucinda do Carmo

e no Porto pela actriz Emilia Eduarda

ILLUSTRAÇÕES

DE

RAPHAEL BOLDALLO PINHEIRO

E DE

M. Gustavo Bordallo Pinheiro

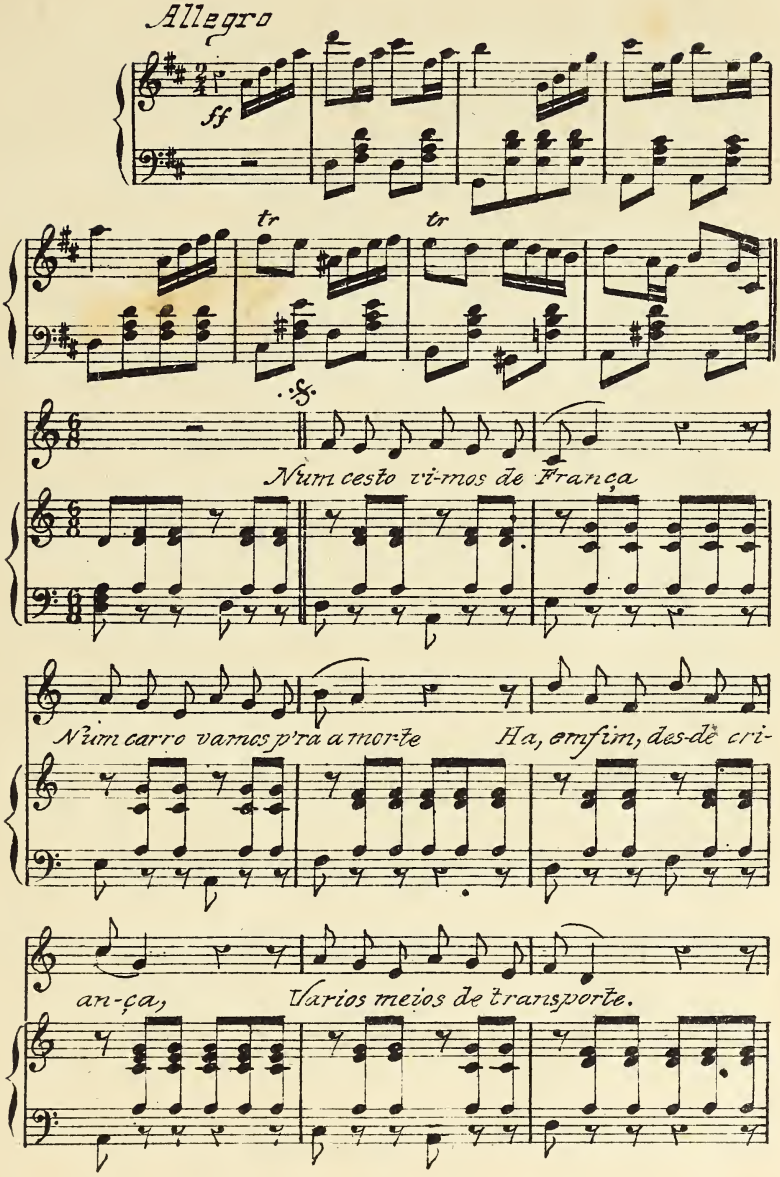
LISBOA

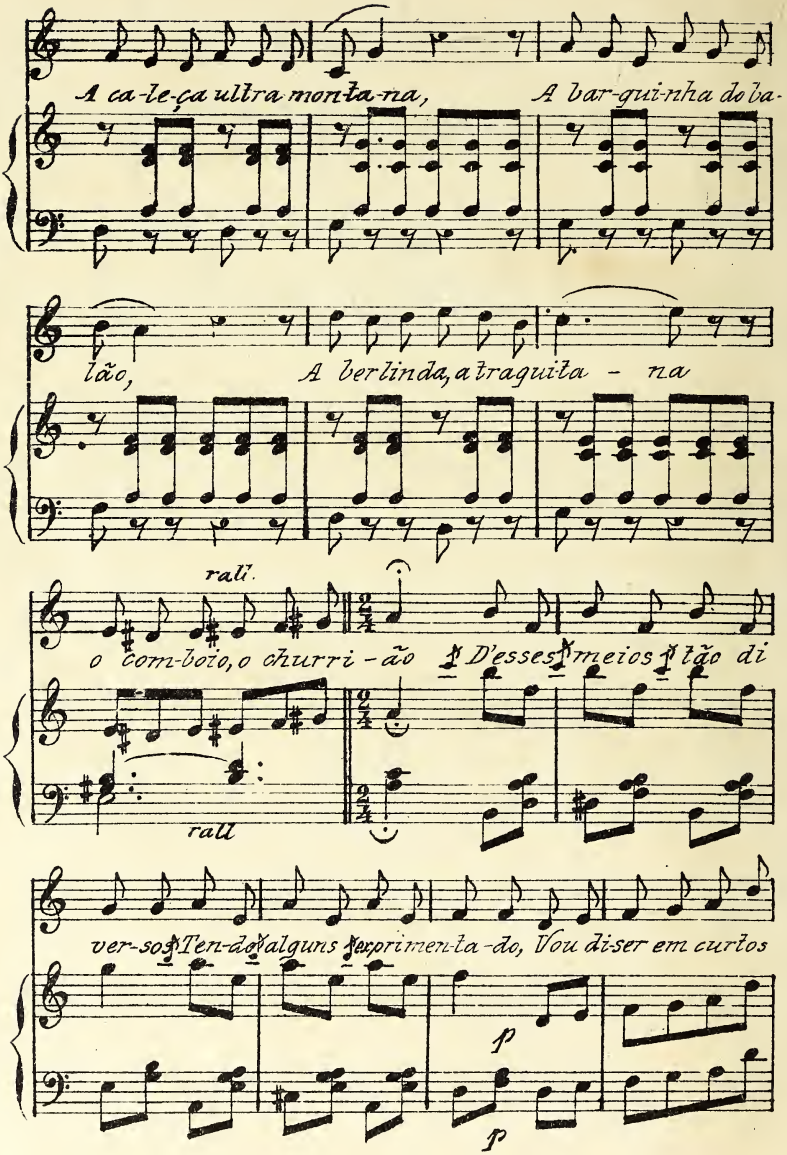
1887

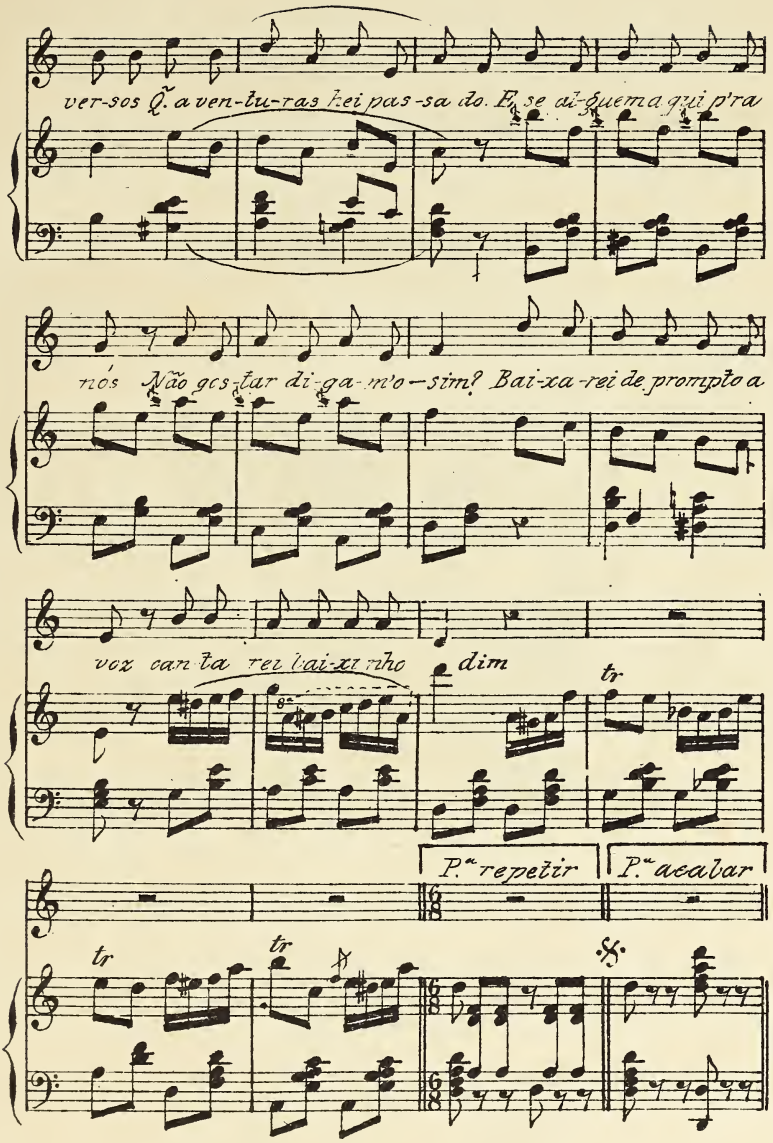
LISBOA
Lythographia Guedes
12, Rua da Oliveira ao Carmo, 12

LISBOA
Typographia Luso-Brazileira
5, Pateo do Aljube, 5
1887

MEIOS DE TRANSPORTE




A ca-le-ça ultra mon-ta-na, A bar-qui-nha do ba-
lão, A berlinda, a traquita - na
rall.
o com-boio, o churri - ão D'esses meios tão di
rall
ver-so. Ten-do alguns experimen-ta-do, Vou di-ser em curtos
p
p


ver-sos Q. a ven-tu-ras hei pas-sa do. E se al-guem a qui p'ra
nós Não gos-tar di-ga-m'o-sim? Bai-xa-rei de prompto a
voz can ta rei bai-xi nho
dim
tr
P.ª repetir
P.ª acabar
tr
tr

I

Eu tive principio honesto,
Vivendo vida remota,
N'um *coio* muito modesto
Com minha avó, já velhota.

Mas deixei um dia o *coio*
E sósinha, sem receio,
Tomei logar n'um comboio,
Em viagem de recreio.

Parte o comboio;—co'a breca!—
Só notei n'esse momento
Ir apenas co'um padreca
No mesmo compartimento!

D'um tunnel chega a passagem;
Augmenta mais o batuque
Das rodas da carruagem:
—*Tuque-tuque-tuque-tuque*...

O comboio andava leve,
Pouco a passagem durou;
Mas, em passagem tão breve,
Que passagem sé passou!...

Sósinha, em camaradagem
Co'um padre moço e robusto,
Eu, durante essa passagem,
Fiquei passada... de susto...

E notei, com vivo assombro,
Quando o tunnel se transpoz,
Que o padreca tinha o hombro
Manchado de pó d'arroz!...

Eu fiz-me da côr da amora;
Elle branco qual estuque;
E o comboio a toda a hora:
—*Tuque-tuque-tuque-tuque*...

II

D'outra vez, já mais crescida,
Porém, falta de exp'riencia,
Succedeu-me outra partida
Viajando em diligencia.

Partia o carro á noitinha,
E, talvez por um minuto,
Quando eu cheguei já não tinha
Nenhum logar devoluto!

Passageiro delicado
Disse-me então com bons modos:
—Póde sentar-se ao meu lado,
Bem ou mal, cabemos todos...

Acceitei, tomando assento
No logar que me offertou;
Poz-se o carro em movimento:
—*Rô-rô-rô-rô-rô-rô-rô-rô...*

Mas — vejam que contratempo!—
Eram tão curtos os bancos
Que eu não pude muito tempo
Resistir aos solavancos...

Certamente ao chão rebolo,
Se o visinho com brandura,
Não me assenta no seu collo,
Agarrando-me a cintura...

O rubor subiu-me á face,
Pois tão presa me sentia
Que inda que o carro tombasse
Eu decerto não cahia...

No collo sempre assentada,
Com tal força me agarrou,
Que assim fui toda a jornada:
—*Rô-rô-rô-rô-rô-rô-rô...*

III

D'outra feita, indo em jornada
De Portalegre a Monforte,
Vi-me muito atrapalhada
Sem ter meio de transporte.

Pernoitára em aldeola
Onde não achei sequer
Nem caléça, nem charola,
Nem um burro d'aluguer!

D'ir a pé fiz tenção firme,
Quando um moço que passava
Se off'receu p'ra conduzir-me
No cavallo em que montava.

Acceitei; pois, de cansaço,
Pingava qual alambique...
E o rocim marchou a passo:
—*Tique-tique-tique-tique...*

Longo tempo em passo brando,
Até lá muito distante,
Fômos os dois cavalgando,
Elle atraz, eu adiante...

Mas, n'um sitio mais campino,
O rocim, de casta brava,
Irritou-se e poz-se a pino...
—Nem o demo o segurava!

Atirava impertinente
Cada salto, cada upa,
Que o moço vinha p'ra a frente...
E eu fugia p'ra a garupa...

Mas afinal amançou-se,
E eu tirei bello despique,
Desde então a passo doce:
—*Tique-tique-tique-tique...*

IV

A flanar no rio em bote,
N'uma noite de setembro,
Convidou-me um fidalgote,
Visconde de... não me lembro.

Accedi; lá vamos pois,
Ao som do vento que freme,
Muito chegados os dois,
Junto da canna do leme...

A lua surgiu-nos bella,
Elle encostou-se ao meu peito...
—E o vento enfunava a vella
No mastro rijo e direito...

Docemente elle me afaga
Sem que eu de mim o desligue...
E o bote vae sobre a vaga:
—*Zigue-zigue-zigue-zigue*...

Ouve-se o som de mil beijos,
Que o vento leva ligeiro...
E eu manifesto desejos
De aprender a timoneiro...

Sem que receios me incuta
A negra vaga que geme,
Corajosa e resoluta
Tomei a canna do leme...

Ensinou-me elle a manobra;
Mas — que triste mestre aquelle!...
Em pouco tempo, de sobra,
Já sabia eu mais de que elle...

Longas horas, sem descanço,
Sem que a marcha nos fatigue,
Vae o bote a vogar manso
—*Zigue-zigue-zigue-zigue*...

B11930

DO MESMO AUCTOR

A PULGA

Monologo em verso, com illustrações de Francisco Villaça.

A LAGARTIXA

Monologo em verso, com illustrações, sendo a capa illustrada por Columbano Bordallo Pinheiro.

DO OUTRO LADO

Cançoneta, com illustrações de Raphael Bordallo Pinheiro.

LILI

Cançoneta, com musica para piano e canto e illustrações de M. Gustavo Bordallo Pinheiro.